



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da fábrica de esmagamento de soja da Comigo  
Rio Verde-GO, 05 de maio de 2004**

Meu querido companheiro Marconi Perillo, governador do estado de  
Goiás,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,  
Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,

Meu caro Antonio Chavaglia, presidente da Comigo,

Meu caro Paulo Roberto Cunha, prefeito de Rio Verde,

Eu quero aproveitar para cumprimentar todos os prefeitos das cidades  
da região que estão aqui,

Companheiro, senador Maguito Vilela,

Meu caro Iris Rezende, ex-governador e ex-senador da República,

Meu caro Pedro Wilson, prefeito de Goiânia,

Meus companheiros secretários e secretárias de estado,

Parlamentares,

Deputados federais,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Meu caro companheiro Meneguelli, presidente do conselho do Sesi,

Meus companheiros da Direção da Cooperativa,

O Roberto não completou a discussão sobre cooperativas. O Brasil tem  
um exemplo mais forte de cooperativa na região sul do nosso país. E eu que  
ando muito o Brasil – e andei muito mais antes de ser presidente – notava que  
faltava um pouco de organização na sociedade brasileira, no setor produtivo e,



sobretudo, entre os pequenos e médios produtores. E comecei a ter, pela primeira vez, o interesse por essa coisa extraordinária chamada cooperativa.

Quando tomei posse, em 1º de janeiro de 2003, uma das primeiras reuniões que eu fiz foi para discutirmos cooperativa. Como criar as condições para que pudéssemos liberar todo e qualquer tipo de cooperativa que fosse possível de ser construída no Brasil. Desde a cooperativa de produtores agrícolas, desde as cooperativas de crédito nos centros das cidades para pequenos comerciantes e cooperativas habitacionais. Para isso fizemos diversas reuniões, várias com muitas cooperativas. O Roberto participou de muitas delas ou de todas, e tiramos praticamente 90% de todos os entraves que tinha no Banco Central. Algumas coisas, inclusive, sobre leis que já tinham sido aprovadas no Parlamento, mas que não tinham normatização do Banco Central e, portanto, estavam impedindo as cooperativas de existirem. Então, nós criamos as condições para as cooperativas funcionarem.

Eu tenho dito ao Roberto que tenho notado que não tem nascido a quantidade de cooperativas que eu imaginava que fossem nascer, por conta do desbloqueio que nós fizemos nas regras do Banco Central.

E obviamente que, quando o Banco Central impõe algumas regras, é porque nós temos que ter cuidado para que o povo não seja enganado de entrar numa cooperativa que não seja séria, de colocar o seu dinheiro e perder. E na hora em que ele perder, alguém vai ter que assumir a responsabilidade.

Mas, de qualquer forma, eu penso que nunca tivemos tantas condições criadas, do ponto de vista dos entraves, melhor dizendo, das facilidades para que existisse cooperativa no Brasil.

E foi aí que o Roberto me deu a segunda lição, ou seja, não adianta tentarmos impor a cooperativa de cima para baixo, sem que haja entre os cooperados a consciência de que aquilo é um instrumento que ele necessita e não um instrumento onde alguém está dizendo para ele: “olhe, eu vou fazer e vai ser bom para você”. Ou seja, sobretudo, ele tem que acreditar.



E eu acho que é exatamente isso. E dizia o Roberto: “é preciso que na cooperativa tenha liderança”. Tem que ter uma espécie de estimulador, a pessoa que tenha a capacidade de convencimento, a capacidade de trabalho e uma dedicação de tal ordem que ele seja uma espécie de motivador, animador, para que outros possam entrar na cooperativa.

Eu quero dizer para vocês, meus amigos e minhas amigas, aqui, do estado de Goiás, e da Comigo, que eu continuo acreditando que o dia em que o povo brasileiro acordar para o significado da organização em cooperativa, nós teremos certamente, 50% a menos dos problemas que nós temos hoje para as várias coisas que nós fazemos no Brasil.

O dia em que o povo brasileiro descobrir que pode se organizar em cooperativa e, portanto, não precisa ficar subordinado aos *spreads* cobrados pelos bancos, que pode estabelecer taxas de juros menores, que pode ter não apenas cooperativa de produção, mas cooperativa de crédito, eu penso que nós estaremos começando a mudar de forma mais consistente e definitiva a História do Brasil.

Portanto, eu continuo acreditando e acreditando mais porque eu sou um homem de fé. Eu sou de tanta fé, Marconi, que eu sou corintiano. Ou seja, o sofrimento para mim não significa nenhum incentivo para deixar de acreditar em alguma coisa, pelo contrário. Eu acho que quanto mais difícil, mais a gente tem que ser persistente, porque eu acho que a palavra-chave neste país é perseverar, ou seja, acreditar sempre.

E eu queria pegar o exemplo do companheiro Antonio Chavaglia. O Roberto me contou um pouco a sua história, no avião. Imaginem um jovem com oito irmãos, sair de Ituverava em 1968, vir para essa região, arrendar uma terra para plantar algodão, sem que existisse nenhuma luz na frente do túnel, a não ser a própria crença na sua capacidade e na sua força, e hoje poder, 36 anos depois, estar orgulhosamente junto com o governador, com os ministros, com o presidente da República, defronte à Bandeira Nacional, dizendo: “eu sou



brasileiro, não desisto nunca, acredito sempre e eu estou colhendo o que eu plantei há muito tempo atrás”.

Eu fico imaginando que o exemplo dele pode ser o exemplo de muitos de vocês. Eu sou uma pessoa, governador, que tem andado muito pelo Brasil e eu me lembro que teve um importante ministro brasileiro que um dia falou: “a agricultura brasileira só vai dar certo se tiver um japonês”. Você está lembrado dessa frase famosa na década de 70? “Precisa trazer um japonês.” Essa frase ficou muito famosa na década. Os gaúchos avocavam para si: “é preciso ter um gaúcho”.

E hoje todos nós sabemos que não precisamos nem de um japonês, nem de um gaúcho. O que nós precisamos é de crédito e tecnologia para fazer aquilo que o nosso país precisa. Se nós tivermos uma política de crédito adequada e tivermos a tecnologia certa, o goiano, o baiano, o gaúcho, o paraibano, qualquer região do Brasil e qualquer cidadão brasileiro pode produzir com a melhor qualidade. Obviamente que sem prescindir da experiência daqueles que já têm mais experiência do que nós, que já plantaram mais do que nós, que já tiveram acesso a tecnologia que nós ainda não tivemos.

É por isso que o Brasil se transformou numa referência mundial. É por isso que o Brasil, hoje, é considerado um país estratégico na sua relação com os principais países do mundo. É por isso que o Brasil conquistou o direito de ir na OMC brigar contra os Estados Unidos e acabar, pelo menos temporariamente, com o grande subsídio que os Estados Unidos davam ao algodão americano, impedindo nosso produto de entrar dentro dos Estados Unidos. E é por isso que nós vamos conquistar outros espaços.

Disse bem o governador: “nós não queremos ser eternos exportadores de produtos *in natura*, nós não queremos ser eternos exportadores apenas de matéria-prima, nós queremos exportar conhecimento, nós queremos exportar valor agregado.”



E a agricultura brasileira, eu tiver o prazer, Marconi, de ir esta semana, com o Roberto, no agronegócio de Ribeirão Preto, na Feira, e cada vez que vou lá, saio dizendo o seguinte: um país que é capaz de fazer o que a gente vê, do avião, aqui nesta terra; um país que é capaz de mostrar o que mostrou na feira do agronegócio, em Ribeirão Preto, é um país que não tem que andar de cabeça baixa para ninguém, é um país que está predestinado a conquistar todos os espaços em todos os quadrantes do mundo. O que nós precisamos é pegar exemplos de companheiros que não desanimaram, levantar a cabeça e ir brigar pelo nosso espaço. Porque ninguém vai dar colher de chá para o Brasil. Não pensem que na face da terra tem algum governante que vai comprar de nós porque nós somos bonzinhos, ou seja, nós é que temos que ir para lá vender aquilo que nós produzimos e, ao mesmo tempo, vender, cada vez mais, produtos de qualidade.

As oportunidades para o Brasil são excepcionais. E nós não poderemos desperdiçá-las. Por isso, quando eu sou convidado a vir a uma cooperativa como esta, que é um exemplo extraordinário de sucesso a olhos vivos, eu não poderia faltar.

Eu fico imaginando há 40 anos, quando se falava em plantar alguma coisa no cerrado. Eu me lembro que as pessoas diziam: “essa terra não dá nada, porque toda terra que tem árvore torta, é terra ruim, não dá nada.” Era assim que as pessoas falavam e vocês cansaram de ouvir isso. Ora, depois, com um pouco de tecnologia, todo mundo aprendendo a fazer o bom manejo da terra, o que aconteceu? Descobriu-se que a terra é extraordinária. Por isso eu quero dar os parabéns a vocês.

Quero dizer ao governador, aos deputados, aos senadores: eu tenho alguns compromissos com a minha consciência, alguns compromissos com o povo brasileiro, mas, sobretudo, nós temos que ter o compromisso com as futuras gerações deste país.



É inexplicável o que aconteceu no Brasil em alguns anos. Nós percebemos que mesmo no eixo produtor do Brasil, onde deveríamos ter maior qualidade no escoamento da nossa produção, nós temos estradas totalmente deterioradas, ferrovias que precisavam ter sido construídas há anos e não foram construídas; os portos que precisavam estar adequados para exportar em navios cada vez de maior calado, portanto, com uma quantidade enorme de cargas, e não estavam preparados.

Nós tomamos a decisão de restaurar, numa política combinada entre o ministro da Agricultura e o ministro dos Transportes, aproximadamente 7 mil e 800 quilômetros de estradas que estavam deterioradas e que nós vamos começar, quase que em caráter de urgência, para ver se a gente consegue, quando chegar a safra, não perder a quantidade de grãos que se perde, nem quebrar a quantidade de caminhões que se quebram.

Mas, ao mesmo tempo, nós sabemos que, embora seja mais caro para construir, ao longo do tempo é muito melhor até para você manter, pois o país não pode prescindir de ferrovias.

E eu estou indo para a China, agora, no dia 21. Possivelmente, será a maior delegação de brasileiros que vai para a China, sobretudo, a delegação de empresários, onde nós vamos tentar fazer grandes e bons negócios, sobretudo, na questão das ferrovias.

A Ferrovia Norte-Sul é uma necessidade para ligá-la ao porto de Itaquí. Nós temos que aproveitar a capacidade produtiva do estado de Goiás, do estado do Tocantins, de uma parte do estado do Piauí, de uma parte do estado do Maranhão e tornar a soja mais barata para as nossas exportações, porque vamos pagar um preço menor pelo transporte dela.

Mas também não podemos esquecer que precisamos levar produtos daqui para o porto de Tubarão, no Espírito Santo. Portanto, nós precisamos fazer as ferrovias, que são uma necessidade. E o Brasil, Governador, chegou a tal ponto que, hoje, não produz mais trilhos. Em 1970, eu trabalhava na



Villares, em São Bernardo do Campo. A Villares de São Bernardo do Campo, que produzia motor de navios, fechou e foi construir uma fábrica de 3 mil funcionários em Araraquara, para produzir locomotivas, vagões e trilhos. Essa fábrica não existe mais, não produziu nenhuma máquina e, hoje, nem trilho o Brasil produz. A nossa capacidade produtiva de vagões não atende à demanda das nossas necessidades. Portanto, estamos importando vagões e máquinas usados da China, para que a gente possa gerar empregos, aqui, restaurando alguns desses vagões, até que a nossa indústria se dote de capacidade para atender o total da nossa demanda.

Então, eu não queria que isso aqui fosse visto como uma promessa. Mas quero dizer para vocês que, se Deus quiser, a gente vai, em algum momento da nossa História, voltar ao estado de Goiás para inaugurar mais alguns grandes trechos da ferrovia Norte-Sul, porque, hoje, ela é imprescindível. Ela é imprescindível para o desenvolvimento da economia do nosso país.

O Ministério dos Transportes e o Ministério do Planejamento estão trabalhando na solução de todos os problemas que faltam. É uma estrada, é uma ferrovia que pode ter uma grande parceria com os chineses, que estão dispostos a investir nessas e em outras. E nós achamos que essa é uma ferrovia que está atrasada. Eu me lembro que ela começou em 1985 ou 86, o Sarney era o Presidente. De lá para cá, já são quase 19 anos. Pouquíssima coisa foi feita. Às vezes, fizeram um benefício em algum lugar, mas em outro ela ficou deteriorada. E nós vamos tratar de recuperar essa dívida com o setor produtivo do Brasil.

Por último, quero dizer ao Governador que eu aprendi na minha vida que toda vez que a gente toma uma decisão, enquanto Governo, e essa decisão não tem os objetivos que a gente deseja, não há nenhum problema de o Governo mudar de posição. Nós criamos uma lei para o Primeiro Emprego, que foi aprovada em outubro no Senado, e descobrimos, depois que fizemos a lei,



que ela tinha um impeditivo: ao mesmo tempo em que nós queríamos que o empresário contratasse um jovem para o primeiro emprego, a gente proibia esse empresário, em caso de necessidade, de dispensar um trabalhador que ele não precisasse mais. Simplesmente, os empresários não contrataram ninguém. O ministro Ricardo Berzoini já preparou a medida e nós vamos mandá-la para o Congresso, revendo isso.

Quando discutimos a Cofins, o assunto foi discutido a mil mãos e a mil cabeças. Na hora da votação, nós tivemos que fazer vários acordos, porque descobrimos vários setores que estavam sendo prejudicados. O próprio setor do turismo. Eu, pessoalmente, liguei para o ministro Palocci e para o líder do Governo para que tivesse uma interferência, para não punir o setor de turismo. E, se há alguma coisa que tenha trazido problema, e isso venha a causar aumento na cesta básica, vocês podem ficar certos de que nós iremos rever, porque aumentar cesta básica é contraditório, por tudo aquilo que sonho em fazer para melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro.

Eu penso que nós deveríamos olhar o exemplo do nosso companheiro Antonio Chavaglia. Eu sentia orgulho no olho de cada mulher e de cada homem de chapeuzinho verde e amarelo, quando falavam de vocês, orgulhosamente. Agora, é importante que cada pessoa saiba que a vida de vocês não foi sempre assim. É preciso que saibam do sucesso que estão tendo agora, mas também do pão que vocês comeram alguns anos atrás para chegar onde chegaram.

Porque, hoje, tem muita gente que quer a coisa pronta, que quer o prato feito. Então, toda vez que você contar, Antonio, o sucesso da Comigo, conte a tua história junto, para as pessoas saberem que isso aqui não veio como dádiva, veio com suor e lágrima de muita gente.

Quem sabe quantos, aqui, já dormiram embaixo de encerado? Quem sabe quanto tempo vocês conviveram com a muriçoca para poder construir a





sua primeira casa? Porque as pessoas só costumam lembrar da gente nos bons momentos, as pessoas não querem nem saber o que a gente passou.

Quando uma pessoa vê vocês bem vestidos na rua, fala: “lá vai aquela grã-fina ou aquele grã-fino de Rio Verde.” Mas quando vocês andavam sem poder sair de casa, porque era preciso aplicar na terra de vocês, ninguém se importava.

Eu acho que contar essa história é o que pode recuperar um pouco a auto-estima da nossa gente. Não existe, na face da terra, nem prefeito nem deputado, nem governador, nem presidente da república, nem ministro que possa resolver o problema de um país se o povo não estiver convencido de que ele é o maior responsável e, talvez, o maior ator para que a gente possa fazer as mudanças.

O exemplo de vocês é dignificante e eu espero poder levar, para outros lugares do Brasil, a imagem que eu vi aqui. O orgulho que eu vi, aqui, e a certeza de que vocês não mediram nenhum sacrifício para que pudessem estar, hoje, com essa cara bonita e feliz para dizer: “nós lutamos, mas nós somos vencedores”.

E se vocês brasileiros e brasileiras, conseguiram ser vencedores, aqui, em Rio Verde, podem ficar certos que, se depender da política agrícola que vamos anunciar logo, nós vamos continuar tendo este país como um país de vencedores. Se vocês, com o seu sacrifício, chegaram onde chegaram, certamente, tem milhões de brasileiros no Brasil que podem traçar o mesmo caminho. E a gente deixará de ser um eterno país em vias de desenvolvimento, para ser, definitivamente, um país em desenvolvimento, rico e próspero, com o seu povo vivendo dignamente.

Muito obrigado e boa sorte para todos vocês.

/rss/cms/lrj